

## JESUS É MAIS...

---



"[21] *Marta disse a Jesus: 'Se o Senhor estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. [22] Mas sei que, mesmo agora, Deus lhe dará tudo que pedir'. [23] Jesus lhe disse: 'Seu irmão vai ressuscitar'. [24] 'Sim', respondeu Marta. 'Ele vai ressuscitar quando todos ressuscitarem, no último dia.'* [25] *Então Jesus disse: 'Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim viverá, mesmo depois de morrer. [26] Quem vive e crê em mim jamais morrerá. Você crê nisso, Marta?'. [27] 'Sim, Senhor', respondeu ela. 'Eu creio que o senhor é o Cristo, o Filho de Deus, aquele que veio ao mundo da parte de Deus.'*" (João 11.21-

27 – Nova Versão Transformadora)

### 1. INTRODUÇÃO

Na passagem bíblica acima, o Senhor Jesus está diante de uma amiga muito querida (v. 5), de nome Marta, cujo irmão (chamado Lázaro) havia morrido recentemente (v. 14). Jesus chegou à cidade onde estava Marta, quatro dias após o sepultamento do irmão (v. 17). Quando Marta soube que Jesus estava próximo de onde ela morava, foi ao seu encontro (v. 20). Uma vez com Jesus, Marta lamentou o fato dele não se fazer presente enquanto Lázaro ainda estava vivo, o que impediria a morte do irmão (v. 21). Na tentativa de consolá-la, Jesus argumentou que a morte do irmão não significava o fim de sua existência, e que Lázaro ressuscitaria (v. 23). Transtornada, Marta afirmou ter ciência de que a morte do irmão não era o fim, mas que ela também sabia que a ressurreição de Lázaro só aconteceria no “último dia”, quando todos os mortos ressuscitariam (v. 24). O Senhor Jesus, então, declarou: **“Eu sou a ressurreição e a vida”** (v. 25). Em seguida ele perguntou à amiga enlutada: **“Você crê nisso, Marta?”** (v. 26).

A pergunta de Jesus foi simples e direta; e a Marta, cabia duas opções de resposta. Ela poderia responder “sim, eu creio que o senhor é a ressurreição e a vida” ou, então, dizer “não, eu não creio que o senhor é a ressurreição e a vida”. No entanto, não foi o que aconteceu. Ao ser questionada por Jesus, Marta respondeu: **“Eu creio que o senhor é o Cristo, o Filho de Deus”** (v. 27). Apesar da declaração de Marta ser verdadeira, não foi isso o que o Senhor Jesus perguntou a ela. Ele a indagou sobre o fato dele ser **“a ressurreição e a vida”** e não sobre ele ser **“o Cristo, o Filho de Deus”**. O que transparece na narrativa bíblica é que Marta cria em Jesus como **o Cristo** e como **o Filho de Deus**. Mas ela não cria em Jesus como **a ressurreição e a vida**. Havia na mente de Marta certo grau de “penumbra” em relação a quem era, de fato, a pessoa do Senhor Jesus. Nos dias atuais, tal cegueira também se faz presente na vida de muitas pessoas que se consideram cristãs. É gente que tem uma visão muito periférica e limitada de Jesus, e desconhece de fato a verdadeira natureza do Salvador. As razões para esse obscurantismo teológico serão analisadas no decorrer deste estudo.

## 2. O SIGNIFICADO DOS TERMOS BÍBLICOS

Algumas pessoas interpretam a Bíblia como se o significado das palavras pudesse simplesmente ser procurado no dicionário ou ser aproveitado de um estudo de passagens bíblicas paralelas. Apesar de às vezes isso ser suficiente, **o significado das palavras é na verdade determinado pelo uso da palavra no contexto, e não apenas individualmente (no campo semântico)**, sem respeitar o nível do discurso maior, como se cada palavra tivesse existência independente e isolada. **Nenhuma palavra pode ser plenamente compreendida separadamente das outras que se relacionam com ela e lhe delimitam o sentido.** Em outras palavras, os vocábulos somente fazem sentido dentro de frases. Por isso deve haver uma transição da etimologia do termo para o conceito dele, onde o contexto tem prioridade sobre o campo semântico, isto é, a terminologia.<sup>1</sup>

Portanto, para a correta interpretação correta das Sagradas Escrituras, é necessário, em primeiro lugar, descobrir o que o texto significava originalmente. Em segundo lugar, é preciso “escutar” esse mesmo significado na variedade de contextos novos ou diferentes dos nossos próprios dias. De posse desses princípios, vamos aplicá-los ao conteúdo da resposta de Marta ao Senhor Jesus.

**2.1. CRISTO.** O termo “Cristo”, do grego Χριστός (*Christós*), não é outra coisa que a tradução da palavra hebraica “Messias” [מָשִׁיחַ (*Māshîyah*)], que significa “Ungido”. Jesus Cristo, pois, significa Jesus-Messias. Devemos sempre nos lembrar que, no imaginário dos escritores bíblicos do Novo Testamento, “Jesus Cristo” significa correntemente יֵשׁוּעַ הַמָּשִׁיחַ (*Yēshū’āh Hamāshîyah*), isto é, “Jesus, o Messias”. Quando Lucas escreveu o Livro de Atos, ele afirmou que, em Antioquia, os discípulos de Jesus foram chamados pela primeira vez de “cristãos” (cf. Atos 11.26). O apelido teria o mesmo significado, caso Lucas tivesse escrito que eles foram chamados de “messianistas”.

Em linhas gerais, o termo “Messias”, do hebraico מָשִׁיחַ (*Māshîyah*), designava todo **homem de Deus encarregado de uma missão para com o povo, e que servia como instrumento do plano divino de salvação.** No Antigo Testamento, o título era aplicado na maioria das vezes ao rei de Israel. Acreditava-se que era preciso de uma realeza terrena para trazer salvação futura e, tal esperança, também deveria se realizar inteiramente na esfera terrena, a exemplo do que fizera Moisés. Tal crença era fundamentada em um trecho da lei mosaica que predizia o ministério do Messias: *“Levantarei um profeta como você do meio de seus irmãos israelitas e porei minhas palavras em sua boca, e ele dirá ao povo tudo que eu lhe ordenar”* (Deuteronômio 18.18 – NVT).

No período do Novo Testamento, havia várias concepções acerca da figura e do papel do Messias. Na época de Jesus, o tipo de Messias predominante era o “Messias político”, ou

<sup>1</sup> KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D.. *Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica [história, literatura e teologia]*. Trad. Daniel Hubert Kroker, Thomas de Lima e Marcus Throup. São Paulo: Vida Nova, 2015. 579, 581, 583 p.

simplesmente, o “Messias judaico”. Sob a dominação grega, o nacionalismo judaico alcançara seu desenvolvimento máximo. Esperava-se então um rei totalmente terreno, político, e não um ser celestial que surgiria sobre a terra de forma milagrosa. Para uns, o Messias seria um rei pacífico, que desempenharia papel essencialmente político. Para outros, mais numerosos, haveria de ser um soberano combativo cuja primeira preocupação seria a de derrotar todos os inimigos de Israel.<sup>2</sup> Essa é, inclusive, a ideia central defendida em um dos “Salmos de Salomão”, veja:

*"Desperta-lhes um rei, o filho de Davi, no tempo que tenhas escolhido para que reine sobre teu servo Israel; cinge-o com o teu poder de modo que aniquile os tiranos ímpios e purifique a Jerusalém dos pagãos que a mancham com seus pés... Então ele reunirá um povo santo que ele governará com equidade, e julgará as tribos do povo santificado pelo Senhor seu Deus, e dividirá entre eles o país..., e os estrangeiros não terão o direito de trabalhar no meio deles..., submeterá os pagãos sob seu jugo, para que lhe sirvam, e glorificará publicamente ao Senhor aos olhos do mundo inteiro, e ele tornará Jerusalém pura e santa, como era no começo."* (Salmos de Salomão<sup>3</sup> 17.21-22, 26-30)<sup>4</sup>

Portanto, **no conceito judaico presente nos tempos de Jesus entre os fariseus, o Messias cumpre sua missão em um plano puramente terreno; sua obra é a de um rei político de Israel, seja seu caráter pacífico ou guerreiro; é descendente de Davi e por isso leva também o título de “Filho de Davi”.** Foi em virtude dessa definição messiânica que o sumo sacerdote, Caifás, perguntou ao Senhor Jesus: *“Você é o Cristo [o Messias], o Filho do Deus Bendito?”* (Marcos 14.61 – NVT). Pretender o título e a função de Messias, significaria que Jesus tinha pretensões de restabelecer o trono de Davi; e, portanto, estabelecer um governo independente. Desta maneira o sumo sacerdote teria um motivo de acusação. Tanto é verdade que, quando Jesus compareceu diante de Pilatos, trazido pelo próprio povo e os principais sacerdotes (cf. João 18.35), a primeira pergunta do governador romano foi: *“Você é o rei dos judeus?”* (João 18.33 – NVT). O título de “Messias” se traduz aqui em categorias romanas. Para o governador romano, o Messias é o “rei dos judeus”. Na ocasião o Senhor Jesus não negou o fato de ser rei, mas explicou a Pilatos que o exercício do seu reinado não se daria na esfera política, terrena. Ele respondeu: *“Meu reino não é deste mundo. Se fosse, meus seguidores lutariam para impedir que eu fosse entregue aos líderes judeus. Mas meu reino não procede deste mundo”* (João 18.36 – NVT).

<sup>2</sup> CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Hagnos, 2008. 149-155 p.

<sup>3</sup> **Salmos de Salomão.** Escritos provavelmente em torno do ano 60 a.C., são um grupo de dezoito salmos pseudoepígrafos (erroneamente atribuídos a Salomão) e apócrifos do Antigo Testamento (ou seja, rejeitados pelas principais correntes cristãs). Eram considerados perdidos, até que no século XVII foi encontrada uma cópia em grego, baseada num texto mais antigo em hebraico ou aramaico. Seu conteúdo é messiânico e crítico contra os sacerdotes e homens ricos, especialmente contra aqueles que entregaram o reino de Israel ao domínio do Império Romano.

<sup>4</sup> SALMOS DE SALOMÃO. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Salmos\\_de\\_Salomão](https://pt.wikipedia.org/wiki/Salmos_de_Salomão)>. Acesso em: 15/07/2017.

Jesus sabia que as ideias messiânicas judaicas eram essencialmente políticas, e nada estava mais distante dele que semelhante maneira de compreender sua missão. Na realidade, somente Jesus compreendia a verdadeira natureza de seu destino messiânico – a conquista da vida através da própria morte. Sendo assim, para prevenir de antemão todo mal-entendido, ele evitava cuidadosamente o emprego do título de Messias. Em vez disso, ele se identificava como o “Filho do Homem”, um ser celestial e não um rei terreno que dominaria o mundo depois de vencer os inimigos de Israel.<sup>5</sup> É dessa forma que devemos entender a reação de Jesus diante da confissão de Pedro (cf. Marcos 8.29), de que ele era o Cristo [o Messias]: “*Os advertiu de que não falassem a ninguém a seu respeito [como o Messias]. Então Jesus começou a lhes ensinar que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas e fosse rejeitado pelos líderes do povo, pelos principais sacerdotes e pelos mestres da lei. Seria morto, mas três dias depois ressuscitaria*” (Marcos 8.30-31 – NVT).

O conceito equivocado de Marta em relação ao Senhor Jesus era o mesmo dos demais judeus em relação ao Messias. Até mesmo os discípulos de Jesus tinham em mente uma concepção errada a respeito da figura messiânica. Embora isso tenha sido explicado três vezes aos discípulos, eles não conseguiram compreender (cf. Marcos 8.27-33; 9.30-32; 10.32-45). Outro exemplo é o pedido que a mãe dos irmãos Tiago e João (cf. Mateus 4.21) fez a Jesus quando disse: “*Por favor, permita que, no seu reino [político, terreno], meus dois filhos se sentem em lugares de honra ao seu lado, um à sua direita e outro à sua esquerda*” (Mateus 20.21 – NVT). O sonho secreto que agitava o cérebro de Marta e de todos os discípulos de Jesus, era a esperança de vê-lo assumir a função gloriosa de um Messias político. Por essa razão, Jesus não recusava verdadeiramente o título de Messias, mas antes, manifestava para com ele grande reserva frente a todas as imagens que se concentravam em torno do messianismo político.

**2.2. FILHO DE DEUS.** O termo “Filho de Deus”, qualifica a natureza divina de Jesus, assim como “Filho do Homem”, qualifica a natureza humana de Jesus – como o Servo sofredor de Deus (cf. Lucas 9.22). O título “Filho de Deus” caracteriza de maneira particular, e totalmente única, a relação entre o Pai e o Filho. Mas assim como ocorreu com o título “Messias”, o conceito de “Filho de Deus” na mente de Marta e dos demais judeus, também era equivocada. Na época de Jesus, a ideia propagada sobre o termo tinha origem nas antigas religiões orientais onde, principalmente os reis, eram considerados como gerados pelos deuses. Esta crença estava particularmente espalhada no Egito, onde os faraós se passavam por filhos do deus sol Rá.

A compreensão oriental, somada ao pensamento grego politeísta, resultou na consciência de que, “Filho de Deus”, era todo indivíduo a quem se atribuía forças divinas. Mas como o judaísmo é uma religião monoteísta, o título ficou restrito a certos comissionados especiais de Deus, tais como os

---

<sup>5</sup> CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Hagnos, 2008. 156-160 p.

anjos e os reis, como eleitos e mandatários de Deus. No entendimento de Marta, e **de acordo com o pensamento judaico em geral, o que caracteriza o Filho de Deus não é primariamente a posse de uma força excepcional, nem uma relação de substância com Deus em virtude de haver sido divinamente gerado; mas sim o fato de ser eleito para realizar uma missão divinamente particular, e obedecer estritamente ao chamado de Deus.**<sup>6</sup>

Jesus sabia que a ideia de filiação divina judaica, era algo essencialmente pontual e terreno, e nada estava mais distante dele que semelhante maneira de compreender a sua verdadeira essência, que expressa o que há de único, de incomparável, em sua relação com o Pai – algo que o distingue radicalmente de todos os demais homens e o coloca em concordância perfeita e total com a vontade do Pai, no cumprimento de sua missão divina. Sendo assim, Jesus prefere, em geral, o título “Filho do Homem” ao de “Filho de Deus” por temor de que o título “Filho de Deus” pudesse levar o povo a só considerá-lo sob um dos dois aspectos que este título supõe: a majestade divina, sem o outro, a obediência – uma vez que, ser Filho de Deus significa estar constantemente submetido à vontade do Pai e, ao mesmo tempo, participar totalmente na divindade do Pai.

### 3. A COMPREENSÃO EQUIVOCADA DE MARTA

Quando Marta afirmou crer que Jesus *“é o Cristo, o Filho de Deus”* (v. 27) ela fez, na realidade, uma declaração de que a pessoa do Senhor Jesus se resumia ao papel de um rei político em total obediência a Deus. Como “Messias”, Jesus serviria como instrumento divino para a libertação do povo judeu da opressão romana, semelhantemente ao papel de Moisés na libertação dos hebreus da escravidão no Egito. Como “Filho de Deus”, Marta entendia que Jesus seria o responsável pela reconstrução da glória israelita e da volta de Israel como nação soberana e temida. Além disso, Marta também achava que, pelo fato de Jesus ser completamente fiel ao seu chamado messiânico e sempre respeitar a “hierarquia” existente entre Pai e Filho, Deus lhe “devia” alguns favores que poderiam ser utilizados em prol de seus amigos mais íntimos, como Lázaro e suas irmãs.

### 4. CONCLUSÃO

Infelizmente, a visão equivocada de Marta em relação ao Senhor Jesus se estende aos nossos dias. Grande parte dos cristãos enxerga em Jesus apenas a figura de um deus material, temporal, terreno. Alguém que atua com exclusiva finalidade de resolver nossas carências temporais sazonais. O Senhor Jesus é visto apenas como solucionador dos problemas cotidianos, sejam eles financeiros, emocionais ou familiares. Porém, as Sagradas Escrituras ensinam que **Jesus é mais...** Ele é a ressurreição e a vida, a restauração de quem, outrora estava morto, mas que é revestido de vitalidade. Sendo assim, *“se nossa esperança em Cristo vale apenas para esta vida, somos os mais dignos de pena em todo o mundo”* (1Coríntios 15.19 – NVT).

<sup>6</sup> CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Hagnos, 2008. 353-397 p.